

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES

Geysa Silva (UFJF)

RESUMO	<i>A consciência de si, atormentada por um corpo e uma lembrança que falam, conduz à construção do sujeito, expressa por um discurso oscilante entre as manifestações de sofri-</i>		
<i>palavras-chaves</i>	Sujeito e discurso	Sujeito e prazer	Sujeito e Literatura

Ler um livro é como um jogo, uma aventura que transforma o leitor. Encontramos sempre mistério, corremos sempre um risco. É essa a proposta de Clarice: fazer com que o leitor participe de sua história, entre no jogo, sinta-se protagonista. O desafio é a construção do sujeito, ou melhor: Lóri. Loreley, a sereia germânica que seduzia os navegantes do Reno; a sereia de Campos a quem Ulisses resiste, fechando-se a seus en (cantos), até que eles mesmos se tornem encantados.

Por que acompanhamos/vivemos a história de Lóri com tanta emoção e/ou curiosidade? Talvez porque, para Lóri, tudo está por acontecer. Nada é rápido, tudo se constrói lentamente, como se a natureza estivesse acumulando a seiva da vida, mas sem perder o sentido de sua precariedade:

[...] uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que insatisfeita foi a criadora de minha própria vida. Foi apesar de que parei na rua e fiquei olhando para você enquanto você esperava um táxi. E desde logo desejando você, esse teu corpo que nem sequer é bonito, mas é o corpo que eu quero. Mas quero inteira, com a alma também. Por isso, não faz mal que você não venha, esperarei quanto tempo for preciso. (LISPECTOR, 1982: 25)

Talvez porque a narrativa concretize o próprio mistério da existência: ignoramos o início, desconhecemos o fim. A vírgula originária, tal como nosso ancestral espermatozóide, não passa de uma continuação que apenas aumenta o sentido de precariedade, enquanto os dois pontos finais fazem

desse relato algo infinitamente pungente, isto é, acentuam nosso desconhecimento do fim.

Talvez porque esse livro, tão pequeno, encerra uma história que foge de suas proporções físicas, desenrolando-se em “longos” lapsos de tempo, com a grandeza e a severidade de uma narrativa bíblica. Não por acaso, seu subtítulo é o “Livro dos Prazeres”, numa referência aos livros do Velho Testamento.

Talvez porque Lóri e Ulisses sejam pessoas tão comuns. Professora primária, professor universitário. De suas vidas só temos poucas indicações, quadros pintados à distância, momentos já vividos:

Lóri já havia contado a Ulisses sobre o tempo que, em Campos, os pais eram ricos e viajavam, demorando-se meses com os filhos num país ou outro, até que, ao mesmo tempo em que a mãe morrera, a fortuna se reduzira a um terço. (LISPECTOR, 1992: 46)

Vidas comuns e, no entanto, que profundidade de sentimentos jaziam escondidos naquela aparência irrelevante! Vidas comuns, mas vividas com toda intensidade, com o prazer e a dor dos seres jogados num mundo onde a felicidade é quase sempre uma ficção. Um encontro, um amor, um “caso”. Tudo muito humano, “demasiado humano”.

Ulisses e Lóri se constroem como sujeitos, enumerando fatos que, de forma habitual, “atrapalham” o desenvolvimento de um romance (desses romances que despertam a atenção para a história); as personagens seguem suas trajetórias, mostrando que a existência é construída a partir de escolhas, nem sempre conscientes e muitas vezes inconfessáveis. Clarice valoriza os não-acontecimentos, fatos que nos negamos a realizar, porém esta negação é nossa maneira de entrar no mundo.

E agora era ela quem sentia vontade de ficar sem Ulisses, durante algum tempo, para poder aprender sozinha a ser. Já dias semanas se haviam passado e Lóri sentia às vezes uma saudade tão grande que era como uma fome. Só passaria quando ela comesse a presença de Ulisses. Mas às vezes a saudade era tão profunda que a presença, calculava ela, seria pouco; ela queria absorver Ulisses todo. Essa vontade de ela ser Ulisses e Ulisses ser dela para uma unificação inteira era um dos sentimentos mais urgentes que tivera na vida. Ela se controlava, não telefonava, feliz em poder sentir. (LISPECTOR, 1982: 133)

O que distingue Lóri de Ulisses? A profissão. Paradoxal, porque ambos são professores. Ulisses o sábio, com um orgulho indisfarçável de sua profissão. Ulisses que aprendeu a disparidade entre as coisas como realmen-

te são e como parecem ser. Ulisses que aprendeu que não basta ter a verdade se ela não se transforma em fato.

Temos sorrído em público do que não sorriríamos quando ficássemos sozinhos. Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso consideramos a vitória nossa de cada dia. Mas eu escapei disso, Lóri, escapei com a ferocidade com que se escapa da peste, Lóri, e esperarei até você também estar mais pronta. (LISPECTOR, 1982: 50)

De outro lado, temos Lóri, a iniciante: todavia sua profissão (professora primária), sem aprofundamento intelectual, lhe dá a possibilidade de defrontar-se com os fatos sem a proteção de qualquer teoria, apenas com os próprios olhos e ouvidos. Sua grande vantagem: não excluir os fatos para facilitar o destino das próprias teorias, ainda que com isso elas sejam desmentidas. Lóri aceita o desafio proposto pelo sábio; Lóri, a simples. E Lóri compreende que não deve excluir os acontecimentos simplesmente porque ultrapassam sua compreensão. Pensa que a sabedoria, e também seus limites, é descobrir-se a si mesma.

Mas também seria por vezes tomada de um êxtase de prazer puro e legítimo que ela mal podia adivinhar. Aliás já estava adivinhando porque se sentiu sorrindo e também sentiu uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais. Ser-se o que se é era grande demais e incontrolável. Lóri tinha uma espécie de receio de ir longe demais. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe aonde. Ela se guardava. Por que e para quê? Para o que estava ela se poupando? Era um certo medo de sua capacidade, pequena ou grande, talvez se contivesse por medo de não saber os limites de uma pessoa. (LISPECTOR, 1952: 140)

Lóri vive atormentada por dilemas e defronta-se com encruzilhadas que a fazem deter-se em seu caminho. Constata, com Ulisses, que os homens vivem incapazes de decidir que vida estão a viver. O que pode fazer, então, a respeito da vida, uma professora primária em crise existencial? No discurso da personagem está colocada a pergunta do narrador, pergunta que ele não pretende responder, por considerar a resposta impossível, e para explorar a própria pergunta. Lóri não quer perder-se na alienação de si mesma, mas também não deseja naufragar no autoconhecimento. Sua postura, quase sempre cautelosa, equilibra com dificuldade um sujeito em construção, pois o espelho, em que tenta se ver, pode refletir, ameaçadora, a imagem de Ulisses e, em razão das semelhanças, diluir as diferenças, aquilo que os distingue, não dos outros, porém um do outro e os torna insubstituíveis.

Clarice narra a construção de um Eu; construção tão particular que é impossível de ser estudada. E assim esta construção vira romance.

Sartre dizia que é preciso “apanhar a história pelo rabo”. E Lóri agarra cada acontecimento, para encadeá-lo em algum sentido. Age com paciência e com paixão, sabendo que o passado não é o que aconteceu, mas o relato de alguém sobre o que aconteceu.

Era cruel o que fazia consigo própria: aproveitar que estava em carne viva par se conhecer melhor já que a ferida estava aberta. Mas doía demais mexer-se nesse sentido. (LISPECTOR, 1982: 27)

Lóri teme, indiscriminadamente, a rapidez daqueles que já sabem o que desejam encontrar antes do encontro, e a alienação dos que povoam a vida com fantasmas, enquanto a vida mesma vai passando sem que percebam isso. Para ela, uns e outros deixam a existência de fora, fazem pregação intelectual ou colocam os simulacros no lugar do concreto.

Enquanto isso o narrador de *O livro dos prazeres* procura ir mostrando que viver o amor é coisa muito difícil. Shakespeare nos lembra que “o verdadeiro amor nunca é suave”. Esta é uma verdade universal e válida para qualquer momento. O esforço de construção do sujeito, na vivência da paixão, assola de dor o ser ainda aberto para os grandes encontros. Lóri, entre sofrimentos e prazeres, tenta compreender a difícil confluência do afetivo com o sensual. Ela não quer nem a moralidade fácil e culposa, nem o erotismo do amor inconstante, ou seja, sujeitos, respectivamente, à idealização e à banalidade.

Ela conhecia o mundo dos que estão tão sofredamente à cata de prazeres e que não sabiam esperar que eles viessem sozinhos. E era tão trágico: bastava olhar numa boate, à meia luz, os outros: era a busca do prazer que não vinha sozinha e de si mesmo. (LISPECTOR, 1980: 82)

A experiência de Lóri é infiltrada de tentação, em que os impulsos e as defesas se conjugam num encontro anárquico de revelações súbitas e surpreendem o próprio amor, colocando-o em questão. O narrador, através de Lóri, desnuda o medo intolerável da perda, a reencenação de envoltimentos amorosos anteriores e a decisão de correr riscos. Riscos enfrentados com ansiedade e enlevo, testemunhos da precariedade dos sentimentos.

Era um corpo consigo mesma dessa vez. Escura, machucada, cega - como achar nesse corpo a corpo um diamante diminuto mas que fosse feérico, tão feérico como imaginava que deveriam ser os prazeres. Mesmo que não os achasse agora, ela sabia, sua exigência se havia tornado infatigável. Ia perder ou

ganhar? Mas continuaria seu corpo a corpo com a vida. Nem seria com sua própria vida, mas com a vida. Alguma coisa se desencadeara nela, enfim.
(LISPECTOR, 1982: 82)

Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres é um livro inclassificável e escapa de qualquer tentativa de comparação. Ao término da leitura, lembramo-nos de *A náusea* e de *A convidada*, livros que perseguem a angústia do nada, a construção do sujeito pela construção do amor. Mas *Uma aprendizagem ...* é diferente. A narrativa, apesar de linear, não tem início e fim, porque só tem meio. Estamos diante de uma história que demanda especial atenção para a linguagem. Isso porque o verdadeiro protagonista não é Lóri nem Ulisses: é a linguagem, ou a forma como a autora a usa. O enredo, bastante simples, resume-se a uma entrega, à concretização de um caso amoroso. O narrador, porém, acrescenta comentários, inserindo a si próprio na história. O que menos interessa é o enredo puro, em meio ao prazer do narrador de utilizar tanto a linguagem elaborada como a reflexão filosófica:

Era uma noite muito bonita: parecia com o mundo. O espaço escuro estava todo estrelado, o céu em eterna muda vigília. E a Terra embaixo com suas montanhas e seus mares.

Lóri estava triste. Não era uma tristeza difícil. Era mais como uma tristeza de saudade. Ela estava só. Com a eternidade à sua frente e atrás dela. O humano é só. (LISPECTOR, 1982: 82)

O romance é uma longa tessitura de olhares, de gestos e aproximações, que culminaram com o encontro de dois seres que vencem o desconhecimento para celebrar a comunhão. O livro mostra o jeito de integrarmos uma teoria do conhecimento com uma teoria das emoções: raciocínio e paixão, em simbiose. *Uma aprendizagem* é, no fundo, a linguagem falando sobre o ser e o tempo, tal como em Heidegger. Muito se tem discutido as influências existencialistas na obra de Clarice, todavia não se pode fugir a essa constatação. Até mesmo as raízes cristãs do existencialismo estão aí implícitas, especialmente a “Carta aos romanos”, capítulo 7, onde o tema é a morte e a ressurreição. Lóri e Ulisses morrem de uma certa forma, morrem para um passado que desejam ultrapassar e renascem na glorificação do amor.

Talvez por uma necessidade de proteger essa alma nova demais, nele e nela, foi que ele sem humilhação mas com uma atitude inesperada de devoção e também pedindo clemência para não se ferirem nesse primeiro nascimento - talvez por isso tudo é que se ajoelhou diante dela. (LISPECTOR, 1982: 160)

É sintomática a lembrança do pai que acode à memória de Lóri. Em seu renascimento, a comparação entre Ulisses e a figura paterna se torna

inevitável. Os fantasmas da infância têm de ser exorcizados, sem o que nada se produzirá. Lóri renega o papel de Pietá para ser Lilith, a primeira mulher, aquela que é igual a Adão, que possui sabedoria e feitiço. Em meio ao tema do início, Clarice introduz o tema do fim. Sutilmente, coloca-se o mitologema do “eterno retorno”: nascimento, morte e ressurreição. Por discutir morte e ressurreição, discutem a questão da temporalidade.

*Haviam-se passado momentos ou três mil anos?
Momentos pelo relógio em que se divide o tempo, três
mil anos pelo que Lóri sentiu quando com pesada
angústia, toda vestida e pintada, chegou à janela. Era
uma velha de quatro milênios. (LISPECTOR, 1982: 40)*

Desse modo, enquanto Hegel vislumbrava o fim da dialética da História e a entrada final da humanidade no reino eterno do Espírito Absoluto, Clarice nos lembra que, como Ulisses e Lóri, somos corpos, e que a perfeição seria o reino dos Corpos Unificados; a eternidade seria a maneira de ser de afetos irreprimididos. Ulisses e Lóri preparam-se para o Sabat da eternidade, aquela época em que o tempo não mais existirá.

Através da voz do narrador, intimista apesar de estar na terceira pessoa, o livro acompanha a odisséia às avessas: um Ulisses que espera, uma Loreley que realiza a viagem: viagem do conhecimento, sabendo que conhecer é condenar-se ao sofrimento. Esquecer o que uma vez se soube é pura ilusão.

*O que acontecia na verdade com Lóri é que, por
alguma decisão tão profunda que os motivos lhe
escapavam - ela havia por medo cortado a dor. Só
com Ulisses viera aprender que não se podia cortar a
dor - senão se sofreria o tempo todo. (LISPECTOR,
1982: 41)*

Ao contrário dos niilistas que queriam a verdade, mas não puderam suportar a explosão dessa verdade, Lóri constata e aceita a verdade da existência. Reconhece que todo prazer que desconsiderar a dor ou ignorá-la, graças à aparente e passageira plenitude da felicidade, é necessariamente um prazer falsificado.

Na odisséia de Lóri, não são apenas os papéis de Ulisses e da sereia que se encontram invertidos. A paródia (no sentido literal do termo: discurso paralelo) se amplia. Se Ulisses não queria ser reconhecido, Lóri persegue seu auto-reconhecimento. Para isso é preciso esgotar o sabor do sofrimento (e saber equivale a conhecer e a ter gosto de), pois, só no decorrer de uma vida rica em emoções, conseguimos nos diferenciar até a completa caracterização. Se Homero quer nos fazer esquecer nossa própria realidade, Clarice, ao contrário, quer nos inserir no mundo de Lóri. Em Homero há uma tranqüila aceitação da existência humana. O verso 360 da *Odisséia* diz-nos: “pois na desgraça os homens logo envelhecem”. Há apenas uma constatação, os

heróis não se insurgem contra isto. Lóri, por sua vez, nada aceita com passividade. Ela está à procura de uma única realidade que julga verdadeira.

A história de Lóri, feita de retalhos, tem de ser apreendida pelo leitor para configurar um signo comum: a construção do sujeito. Construção que se opera como a dos heróis bíblicos, pois o discurso alude a algo implícito, que permanece inexprimido. Em “O Livro de Jó” ou em “O Livro dos Reis”, Deus dá suas ordens em discurso direto, entretanto cala seus motivos e sua intenção. Quando quer provar a fé e confiança de Abraão, diz apenas: “Toma teu único filho, a quem tanto amas.” Em *O livro dos prazeres*, o discurso fragmentado expõe pensamentos e sentimentos de maneira oblíqua, sugeridos pelo silêncio das interrupções: “Lóri, eu vou estar tão ocupado que talvez o jeito seja casarmos para estarmos juntos - Talvez seja melhor. Talvez o melhor seja ... (LISPECTOR, 1982: 170)

Em Lóri, a construção do sujeito assume aspectos do drama fáustico. Sua paixão pelo conhecimento arrasta-a a um pacto não verbalizado com Ulisses: o pacto da castidade. Por outro lado, Ulisses mefistofélico não quer apenas o corpo de Lóri e, sim, também a alma. Para apossar-se da própria alma, Lóri precisa desnudar o rosto, arrancar a máscara. A máscara que simula o prazer e dissimula a dor, que protege e envergonha, como na cena do táxi, em que é confundida com um prostituta.

Na verdade, a festa a que Lóri comparecera era uma alegoria das “mascaradas” italianas. Lóri percebe isso. Arranca a máscara para ganhar dignidade. E a dignidade está longe de ser algo dado ou acabado. Ela é uma conquista de si mesmo e, neste processo, encontra-se prazer e dor, cria-se uma história para si e a partir de si. Porque não só fazemos parte da totalidade como podemos conquistar o mundo, sem sermos dominados por ele. A grande lição de *O Livro dos prazeres* é a dignidade humana.

A travessia de Lóri mostra que a especificidade do ser humano não é somente o racionalismo, como vira Aristóteles, ou a imortalidade, como prega o cristianismo, mas sua prerrogativa de autocriar-se. A longa espera reflete a condição humana por excelência. A opção é um efeito, um resultado; a causa está no poder de chegarmos até lá. A liberdade é, portanto, um princípio positivo de ação e o homem tem de usá-la para ir se constituindo como sujeito. Ninguém ou coisa alguma faz com que o homem, por si, seja bom ou mau. Toda decisão passa pelo poder de escolha, situado no foro íntimo da consciência individual, que é uma instância de autonomia. Pico della Mirandola já dizia: “Poderás descer ao estado de animalidade ou subir à dignificação divina e isso pelo poder de tua decisão pessoal.” (MIRANDOLA, 1988: 6). É essa decisão que faz Lóri recusar Ulisses, mesmo desejando-o:

Tudo o que ele dissera - sobretudo o tom com que dissera - era no sentido de apaziguá-la. E tão forte ela se sentiu através dele que, refeita e calma, disse-lhe:

- *Prefiro ficar ainda algum tempo sozinha, mesmo que seja tão difícil.*

- *É um sacrifício para mim também. Mas faça como quiser, se é disso que você precisa. (LISPECTOR, 1982: 134)*

Qual o verdadeiro sentido de *Uma aprendizagem ou O Livro dos prazeres*? Que relação existe, substancial, entre aprendizagem e prazer? O que torna a luta de Lóri tão difícil? Em Lóri, como em todos nós, o princípio de realidade desencadeia defesas contra a dor; aferrando-se a esta contingência, Lóri deixa de *ser*. E só ao redescobrir o princípio do prazer, adquire a possibilidade de *ser*.

Referências bibliográficas:

- Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1971.
- FREUD, Sigmund. Mas allá del principio del placer. In: *Obras Completas*. Trad. Luis Lopes - Ballesteros Y Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MIRANDOLA, Pico della. *A dignidade do homem*. Trad. Luiz Feracine. São Paulo: GRD, 1988.